

## 1. OS BORORO

A primeira e ainda muito ténue luz mostra uma manhã húmida e a névoa baixa que cobre o *cerrado*. Uma a uma as estrelas vão-se apagando do céu nocturno, Ari em quarto crescente já desapareceu por trás do horizonte e em breve o seu irmão Meri despontará trazendo a sua luz e calor intensos. Os cantos nocturnos terminaram pouco antes, os homens foram finalmente vencidos pelo cansaço. Uma ave começa a fazer-se ouvir e a pouco e pouco as outras acompanham-na num crescendo. Não há vento e o fumo das fogueiras não sobe mais do que uns metros, misturando-se com a neblina. De uma das casas ouve-se o choro de uma criança doente e o murmúrio de uma canção de embalar entoada pela mãe. Um cão esquelético fareja o chão na busca inútil de algum resto de alimento, espreguiça-se e começa a uivar, e depois os outros uivam também, talvez os *bope* estejam próximos. Quando se calam ouve-se novamente o choro do bebé, a mãe aparentemente desistiu de o tentar distrair do sofrimento. Uma mulher velha e curvada sai de uma das casas que desenham o círculo

da aldeia, no telhado da casa uma arara doméstica começa a manifestar o seu ruído de contentamento, a mulher chama-a, estende-lhe o pau comprido que lhe serve de bengala e a arara vai cantando e descendo até o alcançar. Depois a mulher senta-se no chão e fala com a ave enquanto lhe vai dando sementes que ela agilmente abre com o bico, fala das dores que sente, da saudade que tem dos entes queridos mortos, da inevitabilidade da morte que ela sabe estar próxima, de como vai gostar de estar novamente na companhia deles que já são *aroe* e que nesse momento com ela partilham aquelas sementes. De outra casa situada no extremo oposto da aldeia sai um homem que se afasta em direcção a lugares distantes, vai em busca de um onça ou de um gavião real que tem por obrigação caçar para oferecer a pele ou as penas aos familiares de alguém que morrera e que ele foi escolhido para vingar. Parte sozinho e estará ausente alguns dias. De pontos opostos da aldeia dois vultos furtivos embrenham-se no *cerrado*, são dois amantes que partem para um encontro na mata, os seus caminhos encontrar-se-ão junto ao rio, a neblina protege o seu segredo.

Estamos no centro do continente sul-americano, numa extensa área delimitada a norte pelo curso do rio das Mortes e pelas cabeceiras dos rios que correm para norte em direcção à bacia amazónica; pelas margens do rio Araguaia a oeste; a sul pelas cabeceiras dos rios Taquari e Coxim, até ao curso do rio Aquidauana; e pelo longo curso vertical do rio Paraguai, a leste. No seu interior, a Sudoeste, estão planícies de perder de vista do *pantanal*, cortadas por rios de meandros e com as infinitas cores e formas do mundo vegetal e animal; a ocidente e a norte o relevo é mais acidentado, pequenas planícies e montes são aqui e ali cortados pelas altas paredes rochosas da

*chapada*, é o domínio do *cerrado* e da sua vegetação característica, das árvores esparsas e de uma densa e por vezes impene-trável vegetação arborácea que ao longo dos cursos de água dá lugar às zonas de floresta. Durante sete meses a seca dita a sua lei, mas o cenário muda com a aproximação do tempo quente e das chuvas que este traz. As planícies do pantanal tornam-se um lago gigantesco, os rios que correm pelo *cerrado* galgam as suas margens, a savana semidesértica torna-se verde e algumas árvores cobrem-se de flores amarelas e violetas. São os domínios da onça, do tapir e da queixada, das araras vermelhas e azuis, do gavião real e do urubu, da sucuri, do peixe pintado e dos homens, dos *Orarimugodogue* – “aqueles que vivem nos lugares do peixe pintado” –, dos *Boe*, dos Bororo.

Aijenaudo, uma mulher velha e cega de um olho, reaviva a fogueira da sua casa. O seu neto, uma criança com menos de um ano, está doente há vários dias, passou a noite do seu colo para o da mãe mas nem assim conseguiram impedir que ele chorasse. Kiogo, a mãe da criança, junta-se ao calor do fogo com ela ao colo, ela sabe que a febre faz frio, e quer manter o filho quente. As duas mulheres olham para a criança e depois uma para a outra e Aijenaudo lembra-se da pergunta que o *bari* lhe fez no dia anterior: a tua filha teve algum sonho que não contou? Tiveste algum sonho? Kiogo diz que não, que tanto ela como o seu marido não tinham dormido nos dias anteriores ao nascimento, que não tinham sonhado nada. Enquanto falavam a mãe pintava a cara da filha com riscos negros feitos com as cinzas de um arbusto, uma protecção para as consequências nefastas que alguns sonhos, de que se lembra ou não lembra, podem ter.

O sol ainda não nasceu quando uma rapariga sai do *baito*, a grande casa que ocupa o centro da aldeia e dirige-se para uma